

PRODUÇÃO INDUSTRIAL CATARINENSE CRESCEU 1,1% EM JULHO/2025

*Gabriel Schwalbe Hoffmann**

A pesquisa sobre a Produção Industrial Mensal - PIM Regional é realizada pelo IBGE desde a década de 1970 sintetizando um conjunto de indicadores de curto prazo relativos ao comportamento da produção real da indústria extrativa e de transformação. Para tanto, são produzidos índices mensais para 17 unidades da federação segundo o critério de que tais unidades federativas tenham participação de, no mínimo, 0,50% do total do valor da transformação nacional. Ressalta-se que no caso da região Nordeste é realizado um agregado regional, razão pela qual tal região figura junto com as unidades federativas na divulgação das informações, conformando o horizonte de 18 localidades pesquisadas.

Sobre essa pesquisa é importante levar em consideração o alerta de Bernardo Almeida, analista de pesquisa do IBGE, o qual esclarece que a soma dos resultados regionais não resulta automaticamente no resultado nacional, que é divulgado pela PIM Brasil, sempre na semana anterior. Isto porque uma parte da produção nacional não é vista pelos resultados regionais, uma vez que são pesquisadas apenas 15 localidades. Como as séries locais são formadas independentemente, o resultado nacional atua como parâmetro para a análise regional.

O mês de julho de 2025 apresentou variação de (-0,2%) na produção industrial nacional em comparação com o mês anterior do mesmo ano, tomando como base a série com ajustes sazonais. O resultado negativo obtido em julho, sendo o quinto mês seguido sem crescimento, deixa evidente a dificuldade de crescimento da produção industrial nos primeiros sete meses de 2025. Na comparação com o mês anterior, sete dos 15 locais pesquisados pelo IBGE apontaram taxas negativas. As regiões que apresentaram queda foram: Paraná, Bahia, Minas Gerais e Pará, Mato Grosso, Região Nordeste e Ceará.

Com relação às grandes categorias, na passagem de junho para julho, os segmentos de bens de consumo duráveis e de bens de capital voltaram a apresentar retração após o crescimento registrado no mês anterior. Em contraste, a produção de bens intermediários e de bens de consumo semi e não duráveis teve desempenho positivo. No caso dos intermediários, o avanço compensou as perdas acumuladas em

* Graduando em Ciências Econômicas na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Bolsista do Núcleo de Estudos de Economia Catarinense (NECAT/UFSC). Email: gabriel17@gmail.com

maio e junho, enquanto os semi e não duráveis interromperam uma sequência de três meses de queda, período em que haviam acumulado recuo de (-5,6%). Segundo o gerente da pesquisa (PIM), André Macedo, um aspecto que evidencia a menor intensidade da atividade industrial desde abril é o baixo saldo positivo frente ao nível de dezembro de 2024. Atualmente, a indústria está apenas 0,3% acima do patamar que encerrou o ano passado.

O presente texto analisa o comportamento da produção física industrial no âmbito nacional no mês de julho/25 para, posteriormente, fazer as análises específicas para o estado de Santa Catarina. O trabalho em questão, de periodicidade mensal, acompanha a evolução do setor industrial, segundo as estratificações territoriais (UFs) e por atividades econômicas (grandes categorias/indústria geral) definidas pela PIM/IBGE segundo os parâmetros adotados na CNAE 2.0.

Indústria nacional apresenta queda de -0,2% no mês de julho de 2025

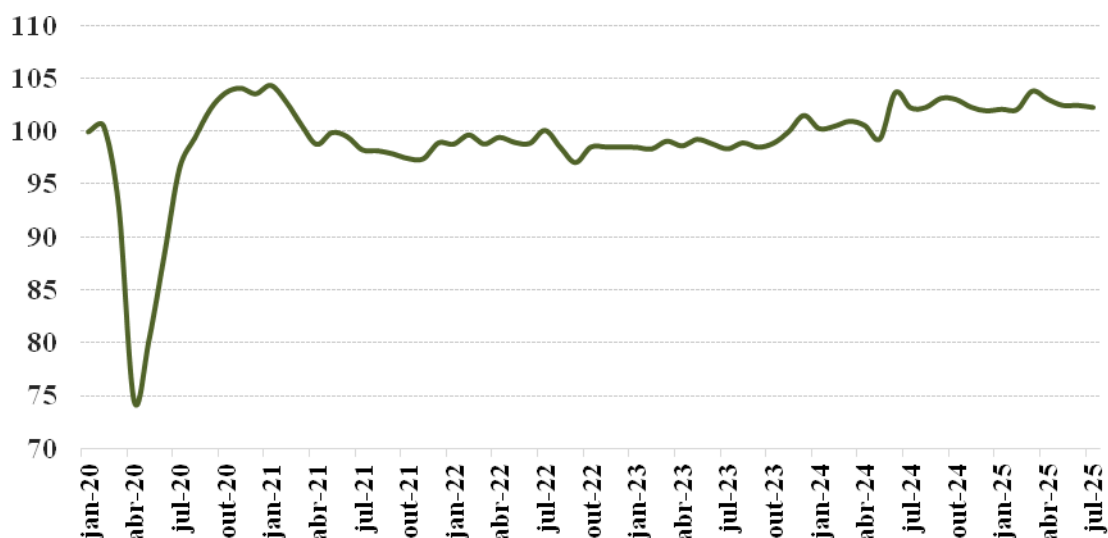
O Gráfico 1 evidencia a evolução do índice de produção física industrial no Brasil desde janeiro de 2020, destacando os impactos econômicos da pandemia de Covid-19. O primeiro semestre de 2020 foi marcado por uma queda abrupta na produção industrial, que, mesmo com uma recuperação inicial impulsionada por políticas públicas como o auxílio emergencial e o saque do FGTS, permaneceu distante dos melhores patamares registrados na década anterior. Esse quadro reflete um período prolongado de estagnação, agravado pela política monetária restritiva vigente até 2023, que elevou o custo do crédito e desestimulou os investimentos produtivos. Embora o ano de 2024 tenha sido marcado por certa resiliência na atividade industrial, os resultados ainda mostram oscilações significativas: a produção industrial nacional acumulou alta de (+3,1%) no ano, mas encerrou dezembro com nova retração de (-0,3%) frente ao mês imediatamente anterior, consolidando a desaceleração observada no último trimestre. Esse desempenho reflete o impacto do crédito caro, especialmente sobre os investimentos, além das incertezas fiscais que limitaram uma recuperação mais robusta do setor.

Ao longo de 2024 a produção industrial apresentou oscilações entre pequenos avanços e recuos. Um exemplo marcante foi o forte crescimento de junho (+4,3%), seguido por queda em julho (-1,5%) e estabilidade em agosto (+0,2%). Essa trajetória instável continuou com leve alta em setembro (+0,9%), retração em outubro (-0,2%),

nova queda em novembro (-0,7%) e recuo em dezembro (-0,3%), resultando em um desempenho negativo no último trimestre do ano.

O primeiro semestre de 2025 manteve o padrão de instabilidade, com taxas de crescimento próximas de zero nos dois primeiros meses do ano. Em março, no entanto, a produção industrial registrou uma alta expressiva de (+1,2%), sinalizando uma possível retomada do dinamismo. Já em abril, maio e junho, o setor apresentou quedas de (-0,7%), (-0,6%) e (0,0%) respectivamente. No mês de julho, da mesma forma que nos quatro meses anteriores, o resultado foi negativo em 0,2%, o que novamente aponta para essa dificuldade incessante de crescimento da indústria para o ano de 2025, uma vez que desde 2024 não apresenta taxas de avanço realmente significativas. A questão do crédito alto aparece novamente como impeditivo para o crescimento contínuo, acompanhada de baixas expectativas no decréscimo da taxa Selic.

Gráfico 1 - Índice de produção física com ajuste sazonal, Brasil, julho de 2025
(jan/2020 = 100)



Fonte: IBGE, Pesquisa Industrial Mensal – PF. Elaboração: NECAT/UFSC

A Tabela 1 mostra a evolução da produção industrial brasileira ao longo dos últimos doze meses, considerando os diferentes períodos analisados pelo IBGE. Na variação mês contra mês imediatamente anterior é visível a dificuldade de consolidação do crescimento da indústria, já que março de 2025 (+1,6%) foi o único mês com expansão relevante desde setembro de 2024 (+0,8%), impulsionada por resultados positivos em três das quatro grandes categorias econômicas. Nos outros meses,

prevaleceram quedas ou altas pouco significativas. O desempenho de julho de 2025, em relação ao mês anterior, segue essa tendência, com retração de (-0,2%), reforçando a dificuldade já mencionada quanto ao crescimento da indústria nacional.

Tabela 1 - Variação da produção física industrial no Brasil em diversos períodos

Mês	Mês/Mês anterior (1)	Mês/Mês ano anterior (2)	Acumulado anual (3)	Acumulado doze meses (4)
ago/24	0	2,3	3,1	2,4
set/24	0,8	3,3	3,1	2,6
out/24	-0,1	6	3,4	3
nov/24	-0,7	1,6	3,2	3
dez/24	-0,3	1,4	3,1	3,1
jan/25	0,1	1,4	1,4	2,9
fev/25	0	1,3	1,4	2,6
mar/25	1,7	3,5	2,1	3,1
abr/25	-0,7	-0,5	1,4	2,4
mai/25	-0,6	3,4	1,9	2,8
jun/25	0	-1,3	1,3	2,4
jul/25	-0,2	0,2	1,1	1,9

Fonte: PIM-PF/IBGE. Elaboração: NECAT/UFSC

Na comparação com mesmo mês do ano anterior, a indústria registrou alta de (+0,2%) em julho de 2025, com resultados positivos em uma das quatro grandes categorias econômicas, 12 dos 25 ramos, 39 dos 80 grupos e 47,8% dos 789 produtos pesquisados. Vale citar que julho de 2025 (com 23 dias) teve o mesmo número de dias úteis comparativamente ao mês do ano anterior (23). Entre as atividades, a principal influência positiva no total da indústria foi registrada por indústrias extrativas (+6,3%), impulsionada, principalmente, pela maior produção bruta dos itens óleos de petróleo e gás natural. Vale destacar também as contribuições positivas assinaladas pelos ramos de produtos farmoquímicos e farmacêuticos (+12,0%), de produtos têxteis (+9,9%) e de manutenção, reparação e instalação de máquinas e equipamentos (+8,7%).

Ao se analisar o acumulado anual (jan/25 – jul/25) a situação é menos delicada, uma vez que apresentou uma taxa positiva de (+1,1%), principalmente devido aos bons

resultados dos setores de indústrias extrativas (+3,7%), veículos automotores, reboques e carrocerias (+4,7%), máquinas e equipamentos (+7,9%) e produtos químicos (+3,5%). Contudo, é notável que as taxas de crescimento se encontrem em decadência visível se comparado com os meses anteriores a janeiro de 2025. Agora com relação ao acumulado dos últimos doze meses também é possível notar a diminuição do acumulado, que em março atingiu o maior patamar do ano (+3,1%) e no mês presente da análise tem-se um total de (+1,9%), mostrando a tendência decrescente da produção física industrial.

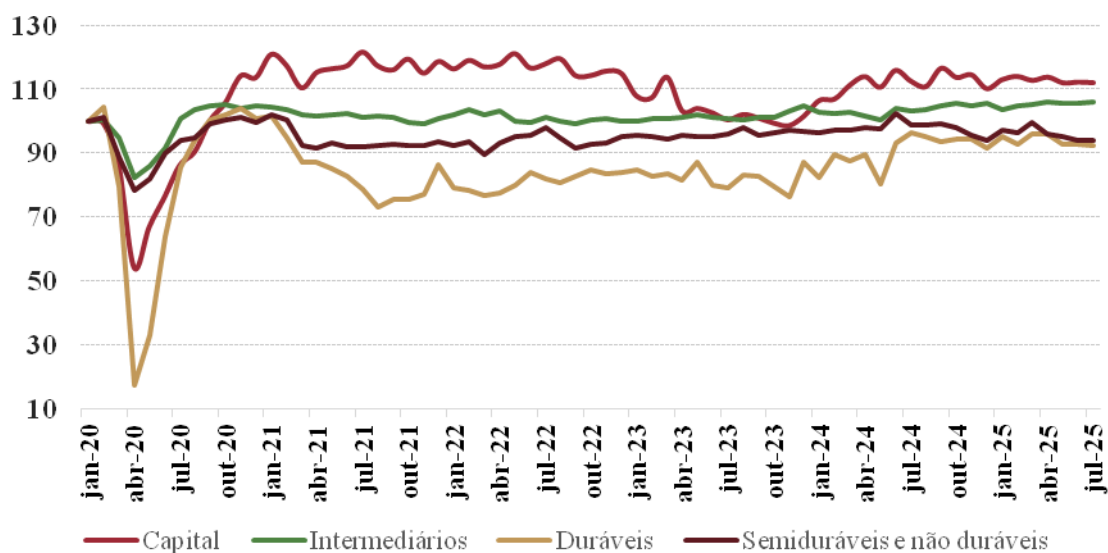
Na comparação de julho com junho de 2025, os bens de consumo duráveis (-0,5%) e os bens de capital (-0,2%) apresentaram retrações, após a leve alta de (+0,2%) registrada no mês anterior. Em contrapartida, os segmentos de bens intermediários (+0,5%) e de bens de consumo semi e não duráveis (+0,1%) obtiveram desempenhos positivos, sendo que o primeiro recuperou a perda de (-0,2%) acumulada entre maio e junho, enquanto o segundo interrompeu uma sequência de três quedas seguidas na produção, período em que havia acumulado recuo de (-5,6%).

Agora na comparação do mesmo mês com o ano anterior os setores produtores de bens de consumo semi e não duráveis (-4,1%), bens de consumo duráveis (-3,4%) e bens de capital (-0,1%) obtiveram as taxas negativas nesse mês. A retração para o setor de bens de consumo duráveis pode ser explicada pela menor fabricação de eletrodomésticos da “linha marrom” (-12,0%) e da “linha branca” (-12,4%). Vale destacar também os recuos registrados por automóveis (-1,0%), motocicletas (-3,9%) e pelos grupamentos de outros eletrodomésticos (-0,5%) e de móveis (-0,8%). Agora com relação ao setor de bens de capital, a retração pode ser explicada agrupamento bens de capital de uso misto (-9,2%) e para equipamentos de transporte (-1,7%). Por fim o setor de bens semi e não duráveis apresentou resultado negativo com a queda no grupamento de carburantes (-18,5%), pressionado, em grande parte, pela menor produção de álcool etílico. Vale citar também os resultados negativos registrados pelos grupamentos de alimentos e bebidas elaborados para consumo doméstico (-0,6%) e de semiduráveis (-1,4%), influenciados, em grande medida, pelos recuos na produção dos itens cervejas e chope, sucos concentrados de laranja, entre outros.

Ainda na análise do mesmo mês do ano anterior bens intermediários (+2,5%) foi o único segmento entre as grandes categorias que apresentou taxa positiva. O resultado no setor de bens intermediários pode ser explicada pelos segmentos de indústrias

extrativas (+6,3%), de veículos automotores, reboques e carrocerias (+6,0%), de produtos têxteis (+13,3%).

Gráfico 2 – Índice de produção física com ajuste sazonal, categorias de uso, Brasil, (jan/20 – jul/25) (jan/2020 = 100)



Fonte: IBGE, Pesquisa Industrial Mensal – PF. Elaboração: NECAT/UFSC

As variações por categorias de uso em julho de 2025 estão detalhadas na tabela 2. Na comparação mês/mês anterior, apenas duas das quatro grandes categorias registraram avanço: bens de intermediários (+0,5%), com um crescimento mais expressivo, e bens de consumo semi e não duráveis (+0,1%), com variação bem mais tímida. Por outro lado, os bens de consumo duráveis tiveram a maior retração (-0,5%), seguidos pelos bens de capital (-0,2%). As atividades específicas que contribuíram para esses resultados, tanto de forma positiva quanto negativa, já foram destacadas anteriormente na análise do gráfico 2.

Com relação ao mesmo mês do ano anterior o setor de bens intermediários obteve o único saldo positivo entre as grandes categorias (+2,5%). Sendo explicado principalmente, pelos avanços nos produtos associados às atividades de indústrias extrativas (+6,3%), de produtos têxteis (+13,3%), de celulose, papel e produtos de papel (+5,0%) e produtos de borracha e de material plástico (+2,0%), assim como já mencionado na análise anterior. Ainda na comparação do mesmo mês do ano anterior os outros três setores apresentaram variações negativas: Bens de consumo semi e não duráveis, bem de consumo duráveis e bens de capital, com (-4,1%), (-3,4%) e (-0,1%)

respectivamente. Os setores que explicam a queda nos três grandes grupos já foram mencionados na análise do gráfico 2.

Na avaliação do acumulado do ano (jan/25 – jul/25), os resultados dos sete primeiros meses de 2025 indicaram maior dinamismo no segmento de bens de consumo duráveis (+6,4%), impulsionado, sobretudo, pelo aumento da produção de automóveis (+7,4%) e de eletrodomésticos da “linha marrom” (+5,3%). Os setores de bens intermediários (+2,2%) e de bens de capital (+0,9%) também registraram taxas positivas no período, com o primeiro superando o crescimento médio da indústria (1,1%) e o segundo apresentando expansão mais moderada. Já o segmento de bens de consumo semi e não duráveis, ao recuar (-2,6%), foi o único a assinalar taxa negativa no acumulado do ano.

Tabela 2 - Variação da atividade industrial do Brasil em vários períodos, categorias de uso, em julho de 2025

Categorias	Mês/Mês	Mês/igual	Acumulado	Últimos
	anterior	mês anterior	no ano	doze meses
	(1)	(2)	(3)	(4)
Bens de capital	-0,2	-0,1	0,9	5,3
Bens intermediários	0,5	2,5	2,2	2,4
Consumo duráveis	-0,5	-3,4	6,4	9,6
Consumo semi e não duráveis	0,1	-4,1	-2,6	-1,3

Fonte: PIM-PF/IBGE. Elaboração: NECAT/UFSC

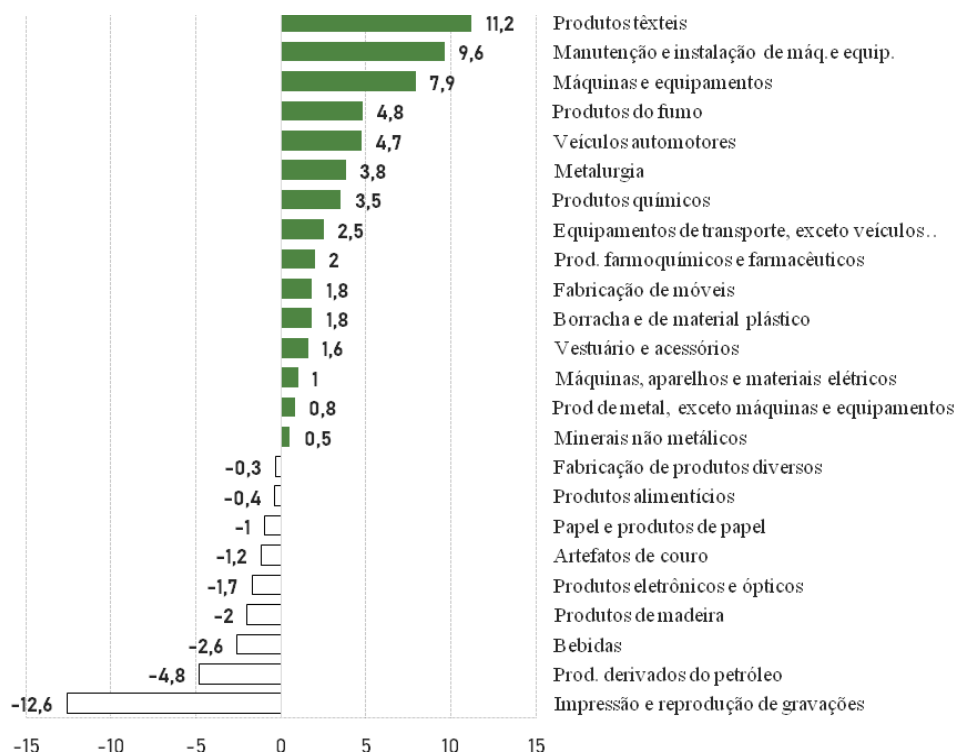
Por fim os resultados obtidos nos últimos doze meses evidenciam um maior dinamismo industrial, com três das quatro grandes categorias apresentando taxas de crescimento consideráveis. O único segmento que permaneceu com taxas negativas foi o setor de bens de consumo semi e não duráveis, que foi muito influenciado por diversos setores que obtiveram inúmeras taxas negativas ao longo de vários meses.

Com base nos dados apresentados no Gráfico 3, é possível notar que a produção física acumulada anual da indústria de transformação no mês julho não se diferem tanto das apresentadas nos meses anteriores. Os segmentos que mais impulsionaram a indústria no acumulado anual foram os de produtos têxteis (+11,2%) seguido de manutenção e instalação de máquinas e equipamentos (+9,6%) e máquinas e

equipamentos (+7,9%). Todos eles apresentando um crescimento acumulado significativo, com destaque para o setor têxtil, que vem apresentando o maior acumulado desde março deste ano.

Na comparação entre janeiro-julho de 2025 e igual período de 2024, nove segmentos acumularam retração. O recuo mais significativo veio de impressão e reprodução de gravações (-12,6%) seguido por produtos derivados do petróleo (-4,8%) e o setor de bebidas (-2,6%). De modo geral, o gráfico aponta para uma queda geral da indústria, assim como já mostrado em análises anteriores. Setores como o de bens de capital, produtos têxteis e veículos, mostram resultados melhores, enquanto áreas mais ligadas ao consumo interno ou afetadas por sazonalidades continuam apresentando desempenho mais fraco. Outra questão relevante a se levantar é o maior número de setores entrando na zona negativa na análise do acumulado anual, onde na passagem do mês de junho para julho mais dois setores entraram para a zona negativa. Isso mostra que, a recuperação da indústria brasileira acontece de forma lenta e desbalanceada.

Gráfico 3 – Produção física industrial, setores de atividades, Brasil, acumulado anual comparado com o mesmo período do ano anterior (jan / jul -2025)

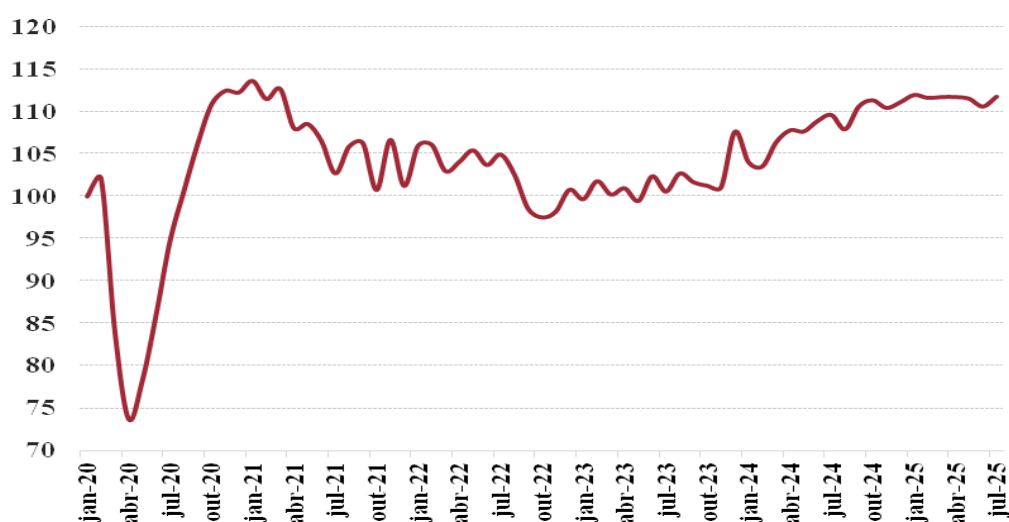


Fonte: IBGE, Pesquisa Industrial Mensal – PF. Elaboração: NECAT/UFSC

Produção industrial catarinense avançou +1,1% em julho de 2025

O Gráfico 4 ilustra a evolução do índice de produção física da indústria de Santa Catarina entre janeiro de 2020 e julho de 2025. Vale lembrar que a crise econômica de 2014 a 2016 já havia provocado uma forte retração nesse indicador, com efeitos superiores àqueles verificados na crise de 2008. Entre 2017 e 2019, o setor viveu uma recuperação lenta e contínua, que foi interrompida com o início da pandemia de Covid-19, no começo de 2020. A produção industrial catarinense sofreu uma queda acentuada no primeiro semestre daquele ano, acompanhando a tendência nacional. Porém, a retomada iniciada a partir de agosto de 2020 foi mais intensa em Santa Catarina do que no restante do país, o que fez com que o índice estadual se mantivesse acima da média nacional até o final de 2022. Após um curto período de aproximação no início de 2023, os índices voltaram a se distanciar, com a indústria catarinense voltando para uma trajetória superior à da indústria brasileira.

Gráfico 4 – Índice de produção física com ajuste sazonal, Santa Catarina, 2020 - jul/25 (jan/2020 = 100)



Fonte: IBGE, Pesquisa Industrial Mensal – PF. Elaboração: NECAT/UFSC

No acumulado até dezembro de 2024 o descolamento se acentuou, com a indústria catarinense registrando crescimento de (+7,7%) no último ano, mostrando maior dinamismo produtivo em relação ao resultado nacional. Esse cenário ainda se manteve em janeiro de 2025, quando o estado alcançou uma expansão de (+9%). No entanto, nos meses seguintes, a trajetória mudou e o setor industrial de Santa Catarina

passou a mostrar retrações ou avanços pouco expressivos: fevereiro (-0,3%), março (+0,1%), abril (-0,1%), maio (-0,2%), junho com a maior queda do ano (-0,8%), e julho, que registrou o primeiro crescimento dos últimos quatro meses (+1,1%). Assim, mesmo com a alta no último mês, o desempenho reforça a dificuldade da indústria estadual em sustentar o ritmo de crescimento, permanecendo fortemente condicionada às oscilações da indústria e da demanda nacional.

A Tabela 3 apresenta as variações mensais da produção física industrial catarinense entre agosto de 2024 e julho de 2025. Na comparação com o mês imediatamente anterior (junho/25) observou-se um resultado positivo (+1,1%) frente a dois meses anteriores com resultados negativos. Já na comparação com o mesmo mês do ano anterior os resultados mostram desempenho positivo em quase todos os meses (com exceção de abril), ainda que com diferentes níveis de crescimento. Os maiores avanços ocorreram em julho de 2024 (+12,6%), outubro de 2024 (+11,9%) e novembro de 2024 (+7,1%), sinalizando forte recuperação no segundo semestre de 2024. Já em 2025, o crescimento perdeu força: janeiro (+8,2%) e março (+8,1%) mantiveram expansão elevada, mas fevereiro (+5,4%), abril (-0,7%), maio (+3,7%), junho (+2,2%) e julho (+2,2%) indicaram clara trajetória de desaceleração que também pode ser explicado pela base forte de comparação, visto que, 2024 apresentou altas taxas de crescimento no segundo semestre.

No acumulado do ano a indústria catarinense iniciou em alta (+8,2% em janeiro de 2025), mas foi perdendo força ao longo dos meses seguintes, até atingir (+4%) em julho. Esse movimento mostra que, embora o setor tenha iniciado 2025 em ritmo acelerado, possivelmente impulsionado pela demanda maior por conta da sazonalidade, a capacidade de expansão vem se reduzindo gradualmente desde o mês de março.

O acumulado dos últimos 12 meses confirma essa tendência: após alcançar (+8,0%) em março de 2025, o indicador caiu para (+5,3%) em julho, apontando redução do patamar alto da atividade industrial. Assim, o quadro geral mostra que, apesar do forte desempenho no segundo semestre de 2024, a indústria catarinense vem enfrentando uma desaceleração considerável a partir do segundo trimestre de 2025, cenário que está conectado com o enfraquecimento do cenário industrial nacional.

Tabela 3 - Variação da produção física industrial em Santa Catarina em diversos períodos

Mês	Mês/Mês anterior (1)	Mês/Mês ano anterior (2)	Acumulado anual (3)	Acumulado doze meses (4)
ago/24	-1,6	3,5	6,8	5,5
set/24	2,5	7	6,8	6
out/24	0,7	11,9	7,3	6,7
nov/24	-0,8	7,1	7,3	7,1
dez/24	0,6	5,9	7,2	7,2
jan/25	0,8	8,2	8,2	7,2
fev/25	-0,3	5,4	6,8	7,1
mar/25	0,1	8,1	7,2	8
abr/25	0	-0,7	5,1	6,6
mai/25	-0,2	3,7	4,8	6,3
jun/25	-0,8	2,2	4,4	6,2
jul/25	1,1	2,2	4	5,3

Fonte: PIM-PF/IBGE. Elaboração: NECAT/UFSC

O desempenho do conjunto dos setores de atividades de Santa Catarina em diferentes períodos de 2025 está descrito na Tabela 4. Na comparação com o mês imediatamente anterior, a indústria catarinense apresentou resultados distintos entre os setores, destacando-se que aqueles que mais cresceram no trimestre analisado foram os de produtos de metal, exceto máquinas e equipamentos, metalurgia e produtos alimentícios. Apesar do bom resultado de alguns segmentos, fica evidente a queda na produção de muitos deles como, por exemplo, os setores de produtos de madeira, produtos de borracha e de material plástico, veículos e móveis. Esses resultados em princípio podem ser explicados, tanto pela menor produção segmentada quanto pela base de comparação forte que foi 2024.

No acumulado de janeiro a junho de 2025, os resultados apontam para uma estagnação visível dos setores ao comparar os três meses da tabela 4, visto que, nenhum deles apresentou variação positiva relevante. Ao analisar as perdas mais relevantes, ressalta-se que os setores que mais aparecem são os de produtos de madeira, veículos

automotores, móveis, produtos de borracha e artigos de vestuário e acessórios. Portanto é visível a estagnação dos setores de produção de Santa Catarina principalmente os que mais utilizam bens de capital.

Tabela 4 - Produção Física Industrial de Santa Catarina por setores de atividades, variação mensal em relação ao mesmo mês do ano anterior / Acumulada do ano em comparação com o mesmo período do ano anterior

Setor de atividade	Mês/mesmo mês do ano anterior			Acumulada no ano		
	mai/25	jun/25	jul/25	mai/25	jun/25	jul/25
Produtos alimentícios	5,7	3,7	5,5	4,2	4,1	4,4
Produtos têxteis	5,3	1,3	2	4,7	4,1	3,8
Artigos do vestuário e acessórios	-6,8	1,1	-6	0,2	0,4	-0,8
Produtos de madeira	7,6	-1,3	-3,1	3	2,3	1,5
Celulose e papel	2,9	0,7	2,6	1,5	1,4	1,6
Produtos químicos	1,2	2,8	2,2	3,8	3,7	3,4
Produtos de borracha e de mat. Plástico	2	-3,1	-1,4	2,2	1,3	0,9
Produtos de minerais não metálicos	4,5	5	5,5	9,4	8,6	8,1
Metalurgia	4,5	9	7,5	5,1	5,7	6
Produtos de metal, exceto máq. e equip.	23,3	22,4	9,5	19,2	19,7	18,1
Máquinas, aparelhos e mat. Elétricos	-3	-5,3	2,1	5,5	3,6	3,4
Máquinas e equipamentos	4,9	1,9	6,3	8,8	7,6	7,4
Veículos automotores	10,5	3,3	-0,9	4,6	4,4	3,6
Móveis	14,7	1,5	-5,9	10,3	8,7	6,3

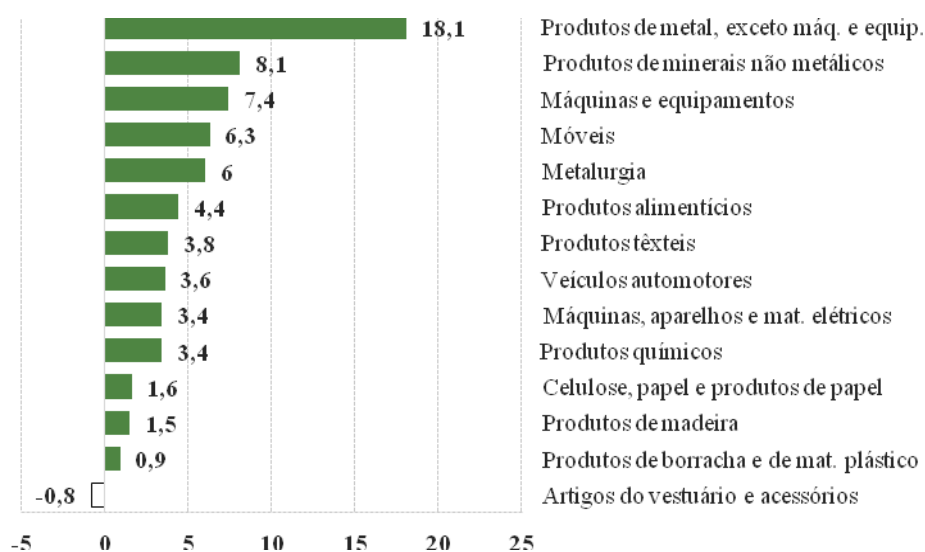
Fonte: PIM-PF/IBGE. Elaboração: NECAT/UFSC

A consolidação desses resultados setoriais anteriormente mencionados é apresentada por meio do Gráfico 5, que compara quanto cresceu ou caiu um indicador de janeiro até julho em relação a esse mesmo período do ano anterior. A análise mostra um cenário de crescimento generalizado ainda que em ritmos diferentes. Entre os 14 segmentos analisados, apenas o setor de artigos de vestuário e acessórios apresentou resultado negativo (-0,8%), sendo que todos os demais setores mostraram resultados positivos, com destaque para produtos de metal, exceto máquinas e equipamentos (+18,1%) apesar da estagnação; produtos minerais não metálicos (+8,1%), máquinas e

equipamentos (+7,4%) e móveis (+6,3%). Portanto, os dados atuais não divergem muito das análises feitas nos meses anteriores, uma vez que os maiores destaques continuam advindos dos setores ligados à produção de bens de capital.

Já na base do gráfico estão setores como vestuário e acessórios (-0,8%) com a menor taxa entre os 14 analisados; borracha e material plástico (+0,9%); produtos de madeira (+1,5%) e celulose, papel e produtos de papel com (+1,6%). Ainda que com uma diminuição no acumulado anual entre a maioria dos segmentos (exceto artigos de vestuário), as taxas acumuladas mostram variações positivas com relação ao mesmo período de 2024, o que demonstra certa resistência do ramo industrial de Santa Catarina. Contudo, é importante destacar que a maioria dos ramos apresentou queda em relação a maio e junho, fato que introduz um alerta sobre o quanto a indústria catarinense pode ser resiliente em relação a indústria nacional, que nos últimos meses vem enfrentando forte retração.

Gráfico 5 – Produção física industrial em Santa Catarina por setores de atividades, acumulado no ano (jun/25)



Fonte: IBGE, Pesquisa Industrial Mensal – PF. Elaboração: NECAT/UFSC

Considerações finais

A indústria brasileira terminou o mês de julho de 2025 em um cenário de perda de dinamismo, situação que reforça uma tendência de enfraquecimento que vem se arrastando desde o fim de 2024. Embora alguns setores ainda tenham registrado avanços pontuais, a análise geral segue marcada por oscilações e pela incapacidade de consolidar

um ciclo de crescimento consistente. Os resultados que se situam no patamar de nulidade em relação ao mesmo mês do ano anterior deixam mais evidente essa perda de fôlego, mostrando tanto os limites do mercado interno quanto os desafios impostos pelo ambiente internacional.

No contexto brasileiro, o crédito caro e a queda na confiança de empresários e consumidores seguem travando a expansão da produção. Esse cenário compromete novos investimentos, restringe a demanda por bens industriais e pressiona ainda mais as margens das empresas, já afetadas pelo acúmulo de estoques em diversos segmentos. No contexto externo, a instabilidade global e as medidas econômicas adotadas pelos Estados Unidos, como tarifas adicionais de exportação dos produtos brasileiros, podem intensificar as incertezas e diminuir as perspectivas para o setor nacional.

Em Santa Catarina, a trajetória recente reforça esse contexto de retração. Apesar do crescimento registrado em julho, a indústria catarinense também dá sinais de esgotamento, com vários setores operando em ritmo estagnado ou retraído nos últimos três meses. O estado, que tinha se destacado positivamente no segundo semestre de 2024 e no início de 2025, agora enfrenta dificuldades semelhantes às do restante do país, mas com agravantes locais: segmentos industriais tradicionais, que antes eram motores da produção, agora apresentam queda de demanda e incapacidade de recuperar o dinamismo anterior. A convergência para o cenário nacional de baixo dinamismo revela que até mesmo economias regionais mais fortes, como a catarinense, estão sujeitas às pressões internas e externas que travam a recuperação da indústria.

Referências bibliográficas

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Pesquisa Mensal da Indústria. Produção Física (PIM). Rio de Janeiro (RJ): IBGE, julho de 2025.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Pesquisa Mensal da Indústria. Produção Física Regional (PIM Regional). Rio de Janeiro (RJ): IBGE, julho de 2025.

IEDI – Instituto de Estudos para o Setor Industrial. Análise IEDI 03/09/25: https://www.iedi.org.br/artigos/top/analise/analise_iedi_20250903_industria.html

IEDI – Instituto de Estudos para o Setor Industrial. Carta IEDI edição 1327: https://www.iedi.org.br/cartas/carta_iedi_n_1327.html